



## SER MULHER NO SÉCULO XXI

No passado dia 18 de janeiro a UMAR Açores – Delegação da ilha Terceira marcou presença no Grémio do Atlântico no âmbito do projecto “Triálogos: pensar em comunidade”, participando na Conversa O papel da Mulher na sociedade Terceirense. Esta conversa deu-se em conjunto com alguns/mas alunos/as do 10º ano da Escola Secundária Jerónimo Emiliano de Andrade e teve lugar no Museu de Angra do Heroísmo.

Durante 1 hora foram exploradas diversas questões relacionadas com o papel da Mulher em Portugal e em diferentes vertentes do nosso dia-a-dia da sociedade terceirense, tendo por base uma obra de literatura conhecida dos/as alunos/as: “A 3ª Mulher” de Gilles Lipovetski (1997). Nesta obra o autor descreve a Mulher e o seu papel em 3 partes. A primeira parte diz respeito aos modelos históricos aos quais o papel da Mulher sempre esteve associado, numa segunda parte aos poderes exclusivos e orientações preferenciais que deveriam ser associadas à Mulher e por fim, uma terceira parte em que aborda a Terceira Mulher e/ou a Mulher Indeterminada que reflete parte daquilo que se foi conquistando.

Ora em 1997 Portugal e por consequência a ilha Terceira já tinham passado uma das datas mais significativas que a nossa sociedade, o 25 de abril de 1974. Nesta conversa, coube-me o papel de reflectir sobre as mulheres a nível histórico e social em Portugal. Centrando a informação a partir dessa data foi possível discutir com os/as jovens vários tópicos. Tendo por base dados do Instituto Nacional de Estatística (INE) foi possível percebermos a evolução que tem existido no nosso país e região, a meros meses de se festejar o meio século de uma revolução que nos mudou enquanto sociedade europeia.



Caso não se recordem, a partir de 1974 a Mulher portuguesa conseguiu (com a revisão do Código Civil, em 1978) pelo menos seis direitos fundamentais: “1 – A mulher casada deixou de ter estatuto de dependência do marido; 2 – Desapareceram as disposições que atribuíam aos homens a administração dos bens do casal e a figura do homem ser o chefe de família; 3 – O governo doméstico deixou de pertencer, por direito próprio, à mulher; 4 – A residência do casal passou a ser decisão de ambos os cônjuges e não apenas do homem; 5 – No poder parental a mulher deixou de ter um papel e posição secundária, deixando de ser apenas a conselheira ganhando o poder de decisão pleno em igualdade de circunstâncias com o marido; 6 – Marido e mulher podem acrescentar, no momento do casamento, apelidos um do outro.”

Claro que poderíamos acrescentar muitas outras questões que foram sendo conquistadas pela sociedade feminina que existe em Portugal. Infelizmente, algumas são conquistadas por pressões

externas e não porque a sociedade realmente quer mudar, ou sequer sente essa necessidade.

Em Portugal, a violência em relações de intimidade continua a ser um dos flagelos e atentados aos Direitos Humanos mais perpetrados, mesmo sendo considerado crime no nosso país desde 1982. Este é um dos tópicos que continua em constante atualização a nível legal e de intervenção. De acordo com informações do INE, dados comparativos entre 2005 e 2022 mostram que o crime de violência doméstica em Portugal sofreu um aumento de 178%. Verifica-se também neste aumento que a agressão é quase sempre feita por alguém do sexo masculino.

Também no que diz respeito ao trabalho, infelizmente, a nossa sociedade não é representada equitativamente por homens e mulheres nos postos de trabalho e principalmente nos cargos de poder. Embora se tenham criado sistemas de quotas e taxas de “obrigação”, ainda se verificam diferenças de tratamento entre pares. Em 2022 a desigualdade salarial e de ganhos em Portugal

era cerca de 16%. Ou seja, uma pessoa do género feminino que aufera cerca de 800 euros mensais e realize as mesmas actividades que alguém do género masculino, vê-se prejudicada com uma diferença salarial de cerca de 128 euros a menos mensalmente. Importa ressaltar que na administração pública já não se verifica esta diferença mas em muitas empresas privadas existe e está longe de ser extinta.

Naturalmente existem muitos avanços na nossa sociedade e na nossa mulher. Basta olharmos com atenção à nossa volta e para os nossos agregados familiares. Talvez para grande parte de nós não é “contra natura” a nossa mãe trabalhar. Entretanto, se recuarmos cerca de 50 anos, se falarmos com os/as nossos/as avós/avós, os papéis de género eram ligeiramente diferentes dos que existem no agora.

Cada vez mais tentamos que a nossa sociedade seja integrativa, equitativa, justa e que deixe de fazer diferenciação. No entanto, denota-se algum desconhecimento e até despreocupação por parte de muitos/as jovens para a importância dos direitos que foram conquistados ao longo de largos anos, pelas Mulheres portuguesas.

De grosso modo, conversas informais como esta que o Grémio do Atlântico promoveu são formas de sensibilização muito importantes e expressamente necessárias. Não só para dar informação mas também para haver uma partilha de conhecimento e experiências que com toda a certeza permitirão criar a diferença num futuro próximo.

As diferenças não surgem devido aos homens. Elas existem porque todas as mulheres e homens assim o permitem!

**RAQUEL COSTA**

Psicóloga e Técnica de Apoio a Vítimas UMAR Açores – Delegação da ilha Terceira